



PALACIOS DO CANAL GRANDE EM VENEZA.

O VIAJANTE, que porventura não pudesse demorar-se em Veneza mais de duas horas, deveria dedicar a primeira á praça de S. Marcos, basilica, e palacio ducal, e a segunda ao canal grande e palacios adjacentes. Este pouco tempo assim empregado lhe deixaria a alma penetrada de tantas imagens maravilhosas que a sua memoria ficaria poetizada no restante da vida. Parece um sonho extatico o passeio em gondola ao longo do canal grande desde a esplendida igreja de Santa Maria da Saude, erecta pela republica em cumprimento de um voto fida a peste de 1630, até a igreja de S. Simão e S. Judas. N'este espaço que andará por tres kilometros temos da direita e da esquerda dous renques de edificios todos quasi contiguos, que se estivessem separados e dispersos bastariam para ornamento de um reino inteiro. Toda a extensão do canal mede 3:750 metros: a architectura arabe ou sarracena e a da renascença ali ostentam profusamente os seus mais ricos e variados desenhos.

A nossa gravura offerece um typo famoso do primeiro d'estes estylos que excita principalmente a curiosidade do viajante europeu; e é talvez o que perdeu menos na decadencia de Veneza. É o palacio Pisani construido no começo do 15.º seculo, tendo

ao pé o palacio Barbarigo, cujo frontispicio deita para uma rua lateral; n'elle se conserva o quadro de Paulo Veronese que representa a familia de Dario prostrada perante Alexandre. É um edificio tão bem ornado, e tão magnifico por sua composição, que é difficil imaginar todo o esplendor e enlevo que ás suas nobres e elegantes fachadas acrescentavam o ouro, as pinturas, os tapetes asiaticos, as flores, os trajos luzidos, o fausto dos senadores, as vozes, cantos e instrumentos, o movimento, a vida.

Defronte d'estes monumentos, certos viajantes só descortinam as injurias do tempo; reparam logo nos tectos estragados, nas fendas das paredes, nos degraus de marmore partidos ou deslocados, aqui as janellas e varandas tapadas com tabuas, e onde outrora pendiam cortinados de purpura e seda, lhes revelam miseria e abandono; além um cartaz lhes annuncia que o antigo palacio de um almirante, de um senador, de um doge, está convertido em casa de aluguer mobilada. Com tal espectáculo é natural que os que vêem tudo só pelos olhos corporeos se sintam tristes e desilludidos; acharam-se enganados e voltam-se com indignação contra os poetas, os pintores, os guias.

Para esta classe de viajantes a vasta frontaria quadrangular de uma hospedaria suissa ou americana

rebocada de fresco, e de lustrosas vidraças, tem de certo um aspecto mais agradável e jucundo, está muito mais em harmonia com o pensamento das comodidades e com a idéa da abastança; e na verdade é uma construção com o seu merecimento relativo, pois que perfeitamente corresponde ao seu destino. Mas, quem quizer ser justo ha de reconhecer também que os vetustos palacios do canal grande, na sua ancianidade e silencio, evocam melhor as recordações da sua passada gloria, a arte de quem os construiu, a grandeza de quem os habitou, do que se transformações recentes os amoldassem ao uso da opulencia moderna.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA,

FERNÃO GONÇALVES.

SECCULO X.

IX.

Em quanto o califa delibera, vamos conduzir o leitor á presenca de um personagem, que até agora lhe occultámos.

SILENCIO.

AFASTADO um pouco do campo militar erguia-se sobre collina de verdura um pavilhão magnifico de seda, branco e franjado de ouro. Rodeavam-no um basto circulo de lanças, plantadas na terra, e uma guarda de cavalleiros negros da Africa, cujo rico uniforme fazia contraste á sua horrenda fealdade. De dentro das lanças, e correspondendo a ellas desenhava-se outra circumferencia bordada de cypresses e platanos, cujos troncos naturaes se vestiam de ramagem e folhas, que a arte imitára com perfeita illusão dos olhos. Numa especie de atrio interior viam-se elegantes vasos mouriscos de flores. Mais adiante deparavam-se grutas musgosas, estatuetas de alabastro, lagosinhos artificiaes, onde nadavam cisnes mudos. Graciosas fontes portateis de prata, servidas de um reservatorio copioso, jorravam ali perennemente as suas aguas em repuxos com variedade de figuras, cahindo recruzetadas ora sobre tanques também de prata, ora sobre a relva. Postado ao vestibulo do pavilhão, como para defender-lhe a entrada estava um leão de marmore, de estatura e cõr natural. A imitação tirada ao vivo, a soberba, e a catadura terrivel do animal eram realçadas por duas torrentes de luz, que despedia dos olhos. Salvas as dimensões, e a materia da fabrica, fazia lembrar o leão colosso, de Cordova, que o califa reinante mandára assentar no reservatorio de aguas do palacio Anna'urah, situado na parte occidental da cidade. Sobre o arco, coberto de myrtos e rosas, por onde se penetrava no interior d'aquelle aposento velado, levantava-se um vulto de jasper, onde o cinzel do artista tinha esmerado as formas mais perfectas de mulher. Penteada ao estylo encantador das estatuas antigas da Grecia, estava com o indice sobre os labios parecendo dizer: *silencio!*

O silencio parecia com effeito ser a palavra de passe n'aquelle sitio de mysterios. Os cavalleiros negros da guarda exterior não conversavam senão em segredo, e os proprios officiaes davam as ordens em voz submissa. Sentinellas avançadas prohibiam mesmo toda a approximação áquelle logar sagrado. O ins-

tinco até as aves afugentava de um arvoredor mentiroso, em que só os troncos eram naturaes. Os mesmos cavallos da guarda resfolegavam menos do que é costume. Apenas se ouviam ali o cicio da viração nas folhas, o murmurio suave das fontes, e o rumor afastado do acampamento. A agua, a verdura, as flores, o ponto de vista picturesque, os horisontes vastos, o sitio exposto aos quatro ventos do céu, diziam a paixão eterna, as afinidades intimas da raça mosselemana com a natureza exterior, as mesmas afinidades que se desenhavam no alcacer de Cordova, e nas moradas regias e de recreio da Rissafa, as mesmas que se descobriam nas villas e casas de campo do califa mais admiradas por magnificencia de estructura, ou magia de situação, n'essas habitações voluptuarias, cujos nomes eram em quasi todas o symbolo do sentimento que as fundára, no palacio do confluyente, no palacio do jardim, no palacio das flores, no palacio dos amantes, no palacio dos afortunados, no palacio do contentamento, no palacio do diadema, e no palacio das novidades.

N'aquelle sitio estava o harem.

Harem em miniatura, que se compunha de apenas 300 pessoas de ambos os sexos, contendo o vigessimo do grande harem de Cordova que contava 6000 individuos, uns destinados aos momentos mais suaves de Abd-el-Rhaman, outros que vigiavam, outros que serviam as esposas ou as servas do califa. Tendo ficado na sede do imperio o maior numero das odaliscas, escravas, e pessoal do serviço do vasto gynecceu do emir, áquelle pequeno destacamento do grande exercito dos prazeres não faltavam quanto fausto e esplendor eram compatíveis com os embaraços de uma longa jornada, e de um campo militar. Cercavam a sultana valida as mesmas honras, commodos, e pompas, as mesmas adorações, senão maiores, que na capital do califado.

Era hora do banho. Nos repartimentos do pavilhão apropriados para elle tinha o pintor fingido na téla os azulejos, que vestiam as paredes dos banhos de Cordova, e ainda hoje as forram em quasi todo o Oriente. Espiravam n'estes aposentos o aloes, a mirrha, a cinamona, o nardo de Palmyra, a essencia de rosas agradavelmente temperados, e o olfato não differenciava este aroma do que esparzia aquelle manuscrito arabe, que o leitor viu na sala de armas do conde de Castella. No primeiro quarto estava uma vasta banheira portatil de alabastro encaixada em cedro com entalhes de ouro, que sustinham seis leões de marmore veiado, em cujas garras prendiam as rodas d'este utensilio. A' banheira sobrepunha-se uma armação de setim do candor da perola com folhagens e labores de prata. Sobre as cortinas da armação abriam-se fendas em forma de estrellas com matiz exterior de azul celeste e prata, ministrando a meia luz do amanhecer. Eram similhanças d'essas aberturas, que o artista rasgou na abobada das casas de banhos, ainda hoje existentes nos paços da Alhambra.

Azzarath está reclinada nos coxins morbidos do aposento. Desnuda-a do veu transparente que semeiam estrellas tremulas de ouro e rubins uma escrava andaluz. Destouca-lhe a coifa moirisca e o arão de ouro e saphiras uma joven donzella da Syria, cujas longas tranças se entreteciam de flores de laranjeira, de rosas, e dos lilazes da Persia, cujos artelhos nús se cingiam do braceletes de prata, e cujas vestes com a pompa do oriente molduravam uma d'essas bellezas serenas e ideaes, de que se afama ainda hoje a patria de Semiramis. Desata-lhe as tranças perfumadas uma escrava armenia, cujo punho esbelto avantajavam enormes cadeias de ouro. Descerra-lhe da frente a faixa de perolas uma airosa filha

da cidade de Constantino. Descinge-lhe o collar de brilhantes uma donzella nascida em Jaen. Desabroxa-lhe os braceletes uma insulana de Cadiz. Descalça-lhe as alparcas de seda uma africana do Atlas.

Uma a uma, e curvando-se, sahem as escravas do aposento. Ficam sós com a sultana Noiratedia, sua privada, Fatima, a quasi rival em formosura da formosa entre as formosas, e Tharub.

Azzarath tira ella mesmo lentamente os aneis dos dedos. Noiratedia desfranze-lhe a capa mourisca, e desda-lhe as outras vestes, que cahem, ficando a grega adoravel velada somente pela camisa de ranzal finissimo, e puro e branco como a flor do lyrio. Cobre então o seio com as mãos de neve. Collo e seio se lhe afogueiam no vivo carmin do pejo. Nunca a Praxiteles em seus sonhos de artista se lhe revelou apparição tão formosa. Nunca aos grandes estatuarios da Grecia as filhas de Eleusis e Megara offereceram tão acabado modelo para desentranharem dos marmores de Paros as suas obras immortaes. E se a Venus pudica dos antigos ao sacerdote, que a coroa-va de myrto na vespera das suas festas, inspirava delirios de amor, aos encantos de Azzarath animada da aura da vida quem resistiria? As tres mulheres voltam-se para não profanarem com a vista o que só podem ver os olhos do sublime califa, e a sultana entra no banho.

Pouco depois Azzarath saindo do banho, tomava a harpa. Mas os dedos corriam machinalmente pelas cordas, porque o pensamento estava absorvido no conde de Castella.

O WALI.

O EMIR annunciou aos cabos de guerra que o rodeavam esta retirada dos almogaures. Esperavam os generaes que elle mandasse abalar ao encontro do conde uma parte da almofalla. E que ignoravam, que o oculo, de que o califa estava armado, correndo pelo horisonte, lhe trouxera outras novas, que elle quiz occultar aos seus tenentes; novas, que despertavam no animo do califa uma serie de idéas, impressões, e affectos, a que só elle, de quantos guerreiros ali se achavam, podia ser accessivel. Grande foi, portanto, o pasmo dos circumstantes, quando Abd-el-Rhaman, sem expedir nenhuma tropa contra o inimigo que avançava, chamou de parte um dos walis que mais proximos estavam, conversou com elle alguns minutos; e o wali, sem mais detença, partiu com uma pequena escolta na mesma direcção donde vinham os almogaures fugitivos.

Pela campina de Lerma vae galopando o wali com o seu diminuto destacamento em ginetes, que diricis alados. Assopram de continuo, porque o norte lhes peja as ventas; mansos como pombos, parcos como eremitas, mas na carreira são mais que gamos. Corredores da mais nobre linhagem arabia, quasi todos elles são filhos da comarca de Lasah na Deserta, onde nascem as melhores raças. Nobilissimo entre os de mais, o do wali descende em linha recta do famoso corcel Al-Aawadj.

Cortando o ar com o peito, como um vapor corta as ondas com a proa, o espaço e devorado por elles. Fluctuam ao vento bandeirolas e albornozes. Frechas e pedras, que dos logares fortificados são arremessadas sobre os cavalleiros, caem sempre muitos passos á retaguarda d'esses velocipedes, cuja carreira de aguias não calculam do alto das ameias os frecheiros castelhanos ao encarar os arcos, ou os fundibularios ao despedir as fundas. Mas dão-lhes ma-

traca, capeam-nos com bandeiras, esgrimem-lhes espadas, tangem-lhes tambores: não podem em alvingar-se os soldados do conde.

Os pinhaes, e as florestas, as aldeias, e os castellos desapparecem como illusões fantasticas aos olhos dos cavalleiros intieis. Os rafeiros, que lhes ladram, ficam n'um relance de olhos a grande distancia, e o ecco de seus ladridos soa longinquo, e perde-se no espaço.

Rota batida pela planicie, já os arabes avistam a retaguarda da hoste do conde. Quem é o wali, que capitanea a escolta mossaemana? Era tempo de romper-se este segredo, mas continua a encobri-lo uma viseira de aço pulido.

Já o wali refreia a sua carreira fervida. Já avista a bandeira quadrada de Castella. Já lhe divisa, ondeando em cada uma das quatro pontas, os dous leões e os dous castellos. Já os cavalleiros da saga castelhana se voltam ao ouvir a estrepida nas suas costas. Os arabes aprumam então as lanças, e giram com os cavallos a meia redea de uma a outra parte para significarem, que vem em som de paz. Chegados á falla, e entendido que o wali desejava conferenciar a sós com Fernão Gonçalves, fez alto a escolta a breve distancia da hoste. Afastaram-se cada um do seu bando uns 200 passos o conde e o chefe arabe. Entraram ambos n'um abrigo, cujas arvores copadas os recatavam á curiosidade. Uma sombra protectora temperava ali os ardores do signo de agosto, e o leve susurro das folhas embaladas pelo vento mais persuadia ao repouso da meditação do que interrompia a solemnidade da conferencia.

Mas antes de assistirmos á conferencia dos dous personagens, vejamos o que occorria em Burgos depois do roubo do anel.

A RESOLUÇÃO.

«Hontem era rei de Hespanha,
«Hoje nem de pobre alfoz;
«Hontem torres e castellos
«Juravam por minha voz.
«Criados eu tinha hontem,
«Gente de serviço tinha;
«Hoje não tenho uma tenda,
«Que possa dizer: é minha!
«Triste foi, bem triste a estrella,
«E o dia bem desditoso,
«Em que nasci, em que herdei
«Senhorio tão poderoso,
«Pois tinha de perder tudo
«N'um combate desastoso!
«O' morte, se por piedade
«Tu me levaras n'est' hora
«A triste alma desolada,
«Quão doce o morrer me fóra!»

Cantava Argemyro este romance melancolico do rei Rodrigo. Ajustava com a alma do pagem a poesia cheia de tristeza. Da situação da Hespanha gothica depois da batalha do Chrysus não dessemelhava inteiramente a situação de Castella n'aquella crise. E ora no romance, ora n'estas palavras resumia o mancebo a sua dor profunda: «As esporas de escudeiro perdeste-as, pobre pagem, e ainda antes de as ganhares!» E as suas noutes veladas eram mais amargas do que os dias do inconsolavel Argemyro.

Aquella nympha despeitorada, que para elle se não cobria com o véu do recato, aquella flor, que se abria toda para a borboleta dos seus amores, Paquíta, toda prantos e desmaios á primeira nova do

catastrophe do pagem, ía já deitando um terço do olho em soslaio a Orbita Fernandes, cujo galanteio pertinaz, até ali sempre desdenhado, nunca ella o denunciára ao seu antigo, agora emerito, amante. Não era ainda um afago, não era um *sim*; mas um: « Veremos » « Talvez » « Póde ser » que se prometia ao novo pertendente n'um certo olhar de mulher, isso era-o já. Passava um desdem fugitivo pelos labios da loireira, quando se fallava no valor do pagem. Mas se na conversação com as suas jovens amigas por acaso figurava o nome de Orbita . . . « porque Orbita fez . . . porque aconteceu . . . porque Orbita é . . . é um moço interessante . . . » o ouvido da ingrata não era já de marmore. Eram punhaes para Argemyro, que o sabia.

Ruy-Flaino, o recebedor de districto, esse encruzava as mãos, e volteava os pollegares. E dobava, e desdobava a meada dos seus pensamentos, deitando contas á sua vida. Ao cabo de todo o seu esforço arithmetico-politico apparecia-lhe sempre um \$, e um exercito musulmano. Com isto sentia uma infernal constricção nas entranhas metallicas de agiota, o recebedor Ruy Flaino. Aquelle momento, em que lhe pareceu poderia ser substituido por um collecter arabe na tarefa paternal de escorchador das bolças do proximo, n'esse perdeu toda a elasticidade dos seus meneios, e toda a poesia das suas meditações.

— « Não entendo . . . pois eu puxo bem as barbas á roca; e ainda me não sinto lá muito balda de forças, mereço de Deus! » E admirava-se de fiar todos os dias boa meia quarta de linho de menos, todos os dias desde o roubo do anel, e a approximação dos arabes; admirava se d'isto a pobre velha da Vejarrua! Tinha esquecimentos mais que de costume: perdera o uso da lanceta: cahiam-lhe a miúdo as cousas das mãos; na mesma semana quebrou um pucaro, duas escudellas, e um cangirão de barro, a maior perda de loiça, que desde muitos annos lhe acontecera. O orgão da avareza tinha-o porém mais alerta do que nunca. « Dinheiro é sangue. » Os tempos vão esquivos. « Não o ha, não o ha. » Uma pessoa não póde contar com o dia d'amanhã: « eliminava-os assim, muito sem cerimonia, aos freguezes habituaes da sua burra a tia Josefa, em cuja alma faziam uma excellente liga um terço de amor a sua terra com dous terços de affecto ao seu ouro.

Para Sueyro Gaíndiz não havia mãos a medir com uma safra de testamentos, que de memoria de homens ninguém se lembrava de a ter nunca havido tamanha, como n'aquella conjunctura de desastres, perigos imminentes, e terrores da vida eterna, terrores que nas almas incutia a invasão estrangeira, que se appropinquava. Dia e noite lavrara o notario actas de ultima vontade. Impavam de soldos a sua area, e de gloria a tia Anastacia, sua fiel companheira. Mas a Sueyro Gaíndiz doíam-lhe no coração as desgraças do condado, e de vez em quando exclamava elle com o poeta, ainda que um tanto prematuramente:

« Fuimus Troes, fuit Illium, et ingens gloria Teucrorum. Nunc saxus omnia Jupiter in Argos transtulit. »

A multidão de peccadores buscando reconciliar-se aos pés do confessorio, a frequencia de offertas propiciatorias aos altares e nichos dos santos, romarias de penitentes a S. Pedro de Arlança, preces publicas, orações, jejuns, mortificações e disciplinas conventuaes exprimiam a anciedade das almas, e era um espectáculo, que fazia dissonancia ao ar de satisfação, á alegria, mal reprimida, dos escravos mouros e judeus do burgo e visinhanças.

Appareciam tambem signaes temerosos de infor-

tunio. Uma tarde veio frei Pedro, todo pallido e assustado, contar ao conde que as campainhas pendentes do altar de S. Millan tinham tangido per si mesmas, annuncio certo de grande desastre. Outra vez era Fruelindo, um mancebo doudo e dizidor, cuja loucura mansa e sempre jovial, e cujas historias divertiam muito a gente miuda do burgo, que de repente se tornára sorumbatico. De dia sumia-se, e de noute ouvia-se-lhe a voz fresca e argentina, cantando melancolicamente as preces dos mortos.

Muitas pessoas devotas attribuiam os perigos presentes ao não cumprimento dos votos de S. Millan, e referiam as villas e povoações, que estavam em divida ao santo de vinho, cevada, grãos, queijos, carneiros, soldos, alnas de sayal e lenço, julgando-as refeces e excommungadas, que por culpa d'ellas, e em castigo de sua irreverencia com o bemaventurado servo de Deus pagava toda a provincia.

O episodio da fugida do judeu era muito commetado. Dos grupos do popular sahiam amoraveis accusações a Fernão Gonçalves, e entre os altos homens do condado soltavam-se meias palavras com as reticencias e reservas do estylo sobre a imprudencia de S. Honra.

(Continúa.)

ANTONIO DE OLIVEIRA MARRECA.



A VIRGEM DOS DRUIDAS.

Por este nome era designada, segundo uma tradição extravagante e mui antiga, a esculptura que aqui representada, e que não passava de uma obra da arte imperfeita da idade media. Conservava-se na Sé de Chartres, e a crença publica porfiava em consideral-a como um trabalho dos antigos habitan-

tes das Gallias, que provavelmente nunca fizeram labores de estatuaria. O que mais admira é que essa lenda vulgar fosse auctorizada pela penna de escriptores graves, que não duvidaram propalar a este respeito uma serie de destemperos: alguns ha que não se envergonharam de escrever que os ministros do paganismo n'esta região inculta, tres ou quatro seculos antes do nascimento da Virgem Mãe de Deus, tinham levantado altar e estatua *virgini pariturae*, nas grutas onde faziam seus sacrificios, e onde d'ahi a muito tempo os christãos acharam abrigo e refugio. A credulidade popular assim mantida attraía á igreja monumental de Chartres grandes romarias; acreditavam-se os milagres e penduravam-se pelas paredes documentos das promessas que obtiveram de ferimento. A imagem foi queimada por ocasião da tormenta revolucionaria de 1792; tinha de altura quasi quatro palmos, era de côr escura como ainda apparecem algumas mui antigas, feita de pau de pereira, symbolo da fecundidade, e de um lavor tão singelo que, segundo a expressão do padre Etienne, parecia obra afeioada com um podão. No inventario dos haveres da igreja de Chartres, formado em 1726, ha uma descripção d'esta imagem, e ahi se diz que infundia respeito, e que até a corda guarnecida de folhas de carvalho, a cadeira e de mais accessorios denotavam tempos remotos.

ESCRITORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS.

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA.

MENDES LEAL.

A NOBRE figura do rei vencido, sombra de si mesmo, passando em silencio por entre os seus; e os prantos consumindo o rosto aos valentes, são joias de estylo que não acodem senão ás grandes inspirações. São rasgos que os antigos comparavam em Pindaro ao raio fendendo a nuvem, e que o poeta latino explica pelo espirito divino accendendo a excitação na alma do cantor:

Est Deus in nobis, agitante callescimus illo;
Impetus hic sacra semina mentis habet.

Falta-nos espaço para seguir a analyse com a mesma extensão. Na poesia á morte do imperador D. Pedro, as duas primeiras estrophes abrem á saudade e á magua um portico digno do heroe moderno. São as honras da guerra, e as lagrimas dos companheiros da sua illiada, que o poeta lhe offerece. O effeito é magestoso e severo.

Armas em funeral! Rolae tambores!
Rufae lugubrememente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!
Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros não coreis: o pranto é bello
Nas faces de um soldado!

É concisa e profunda igualmente a apreciação philosophica do principe guerreiro. Poucos traços pintam tudo.

Igual na sorte, ao vencedor do Egypto
Caíste muito cedo;

Tropeçaste na campa, (estava escripto)

Como elle n'um rochedo.

Escala de Titães, o teu projecto

Derribaram-t'os os fados;

Na base do edificio, não completo,

Ficamos nós . . . pasmados!

Nas poesias de *Sentimento* e *Paixão* Mendes Leal não deu ainda quadros do mesmo valor. N'elle a graça e o mimo da forma não nos parecem por ora iguaes á força e ao impeto lyrico dos hymnos heroicos. As suas tendencias procuram moldes mais amplos. Mesmo na *Rosa Branca*, poemeto de uma inspiração prodiga, inexperiente e quasi sempre abaixo da correcção actual, as descripções grandiosas da tempestade e da natureza abundam sem vencer a difficuldade. Comtudo n'esse ensaio, filho dos annos verdes, nota-se por vezes uma ternura affectuosa, e natural que enleva. Se a idéa estivesse mais desenvolvida, e as perspectivas fossem menos abafadas, se o pincel de hoje retocasse nos sentimentos a verdade e a expressão, no estylo as florescencias juvenis e parasitas, a *Rosa Branca*, facilmente limada de impurezas casuaes, podia entrar na galeria das obras escolhidas do auctor. Os *Suspiros de Abril* e o *Poeta no Seculo* attestam que a melancolia e o devaneio amoroso acham voz e canto na sua lyra quando se repousa do vôo ás espheras epicas; mas estão longe ainda da perfeição obtida nos outros carmes.

A relação da idéa com a forma, a constante aspiração para um destino melhor, a interpretação fecunda dos fins e deveres moraes do homem, a propriedade com que a imagem se adapta ao pensamento; são as qualidades mais caracteristicas do systema poetico de Mendes Leal. Por isso o enthusiasmo arrebatava-o, e o bello sol do passado vem dourar-lhe a estrophe e illuminar-lhe o verso. Por isso, poeta mais de sentimento epico e de idéa, do que de forma, o seu engenho sabe todas as notas, tem poder para todas as scenas, mas sobre tudo exulta quando as domina o vulto homerico dos grandes nomes. O suspiro da paixão confiado ás flores, e fugindo por ellas, como o halito embalsamado da aurora, faz soar na lyra a corda do amor, e tem um sorriso entre lagrimas doces no formoso rosto da arte; mas o pintor prefere ás harmonias um pouco vagas, aos deliquios estremosos, as explosões do coração que vivem no mundo ideal chamando-se Othello e Lear; os rasgos audazes que illuminam até ao fundo dos seculos o tumulto das nações, fazendo estremecer no seu leito final á voz da gloria os ossos de Cesar, e a purpura real de Alexandre!

Na idade em que alguns principiaram, Mendes Leal percorreu o mais arduo na carreira lyrica; e mereceu o premio que trouxe das luctas do estro e da harmonia. Se ainda não disse o ultimo segredo do seu talento, se o gosto cada vez mais viril e castigado promette ao futuro obras mais altas, já occupa de direito um logar distincto, e para ser um dos primeiros poetas entre a geração nova não precisa de novos titulos. O applauso que o saúda não é o grito ebrio das multidões escravas dos sons e da rima; é o voto observador e critico dos que procuram no verso além da harmonia a aspiração moral e o pensamento philosophico.

João de Lemos entre os poetas moços é o mais robusto emulo que elle encontra; mas os generos apesar de proximos são distinctos, e com vocações diversas. Mais suave, mais cultor da symetria e da forma, o cantor da *Lua de Londres* e de tantas pegas deliciosas, distingue-se por outras qualidades de gosto e de imaginação. Harmonioso, esmerado, com

um toque de meiguice e de tristeza pensativa, a sua lyra não se fez (parece-nos por ora) para os impetus heroicos. Eleva-se muito, veste a phrase de pompa, alegre o verso de colorido, rico, mas o sópro das grandes inspirações do auctor do *Ave Cesar* encurta-se na sua voz.

Em João de Lemos a forma prevalece, em Mendes Leal o pensamento domina mais. Um é doce, reflexivo, enlevado como a graça, afinado, melódico, e puro como um cantico de Lamartine. O outro arroja a estrophe, rege a invenção e funde pela imagem, quasi em bronze, o busto dos heroes. Não traçamos circulos fataes, nem demarcamos fronteiras invencíveis, a nenhum dos dous, é apenas o contorno geral da sua physionomia. O *Pesim de Balthasar* e o *Tamulo de Nero* marcam a passagem de João de Lemos pelas espheras da ode. Algumas estanças sentidas e maviosas colheram os suspiros de amor da harpa de Mendes Leal nos mesmos jardins encantados aonde impera o cantor das *Innocências*.

Segue-se d'ahi que as aptidões sejam semelhantes e que um não brilhe como superior no mesmo assumpto, em que desfallece a voz ao outro? Ambos elles têm paginas admiráveis; ambos podem olhar-se e saudar-se como irmãos na gloria e na harmonia. Aonde vai a ternura do devancio sobre a fegosa estrophe do hymno heroico, e encontram-se na sublimidade, embora partissem de regiões oppostas. Na historia da poesia será tão falso separal-os, como narrar a obra de Garrett sem lhe pôr ao lado o vigoroso impulso de Herculano.

N'este momento cada um d'elles applica a labor mais duravel as faculdades de que é dotado, e na propria escolha do assumpto grava o cunho particular da sua inspiração. João de Lemos orna da forma seductora e da harmonia terna do seu verso o desastre de Alcecer e a perda do ultimo rei-cavalleiro, sepultando consigo a corôa e a monarchia. Mendes Leal tira do marmore da historia o grande vulto do Cesar francez, e na estrophe impetuosa e fremente d'enthusiasmo, entôa o maior hymno moderno *Napoleão no Kremlin*. *D. Sebastião! Bonaparte!* datas memoráveis, infortunios gigantescos; a elegia e a epopeia moderna! eis a idéa que os agita e crescerá talvez a altura de monumento na imaginação dos dous poetas. Não se definem elles a si mesmos pelo caracter das aspirações, justificando o logar que lhes assignamos? Não acharam o pensamento do poema segundo a natureza do seu talento e a côr da sua phantasia, um na dolorosa catastrophe, a que as illusões arrastam o neto de João III; o outro no esplendor e no occaso do maior astro, que viram sobre o horisonte da historia os seculos? Que mais se deve acrescentar, quando é o operario da idéa, e não o critico, quem abre o distico descrevendo a origem e as feições de uma physionomia intellectual?

CABE-NOS introduzir aqui algumas noticias acerca da familia do poeta, e da sua carreira politica.

Por parte de seu pae o sr. Mendes Leal pertence a uma familia natural de Penafiel; seu visavô passou a Hespanha por violencias commettidas contra um parente, a proposito de administração de vinculos; voltou depois, e mudado o primeiro nome estabeleceu-se na Estremadura.

Por parte de sua mãe foram seus tios, em terceiro grau, o abbade de Sever Diogo Barbosa Machado, auctor da Bibliotheca Lusitana, o desembargador Ignacio Barbosa Machado, auctor do Catalogo das Rainhas Portuguezas, e D. Fr. Caetano de Barbosa

Machado, frade theatino, auctor da *Historia Sebastica* e outras obras estimadas.

O vigario de Loures o desembargador Francisco de Borja Ferreira, sacerdote modelo, foi tio segundo do poeta, e deixou um nome que recordam com saudade todos os moradores da parochia, á qual servia de conselho e de providencia com as suas virtudes e exemplos.

O abbade Barbosa Machado doou ao estado a sua copiosa livraria, formando-se com ella a base da bibliotheca nacional; em recompensa o governo concedeu uma pensão aos herdeiros, que foi paga até aos ultimos annos do avô do sr. Mendes Leal.

As desgraças do tempo, e os desastres particulares fizeram declinar a casa, e obrigaram o seu chefe actual a procurar no honroso exercicio de uma arte liberal a subsistencia de uma familia numerosa.

Quando supportado com nobreza o apuro das circumstancias illustra sempre; e para qualquer se elevar acima da fortuna, e a domar, é necessaria uma lucta que representa numerosos sacrificios.

Ao poeta compete esse elogio. Fez-se a si. Combateu com obstaculos graves para sobresaír, e triumphou apezar d'elles á custa de trabalho e de perseverança.

Agora cumpre-lhe não desmerecer o que tem adquirido. O mais arduo está vencido; e chegado ao ponto a que subiu, torna-se comparativamente facil respeitar nas obras e em si a consciencia das letras, e o decoro do engenho.

Os verdadeiros talentos na epocha da madureza é que produzem os mais bellos fructos; mas não os colhem senão do estudo, da reflexão, e da lima esmerulosa que dá o gosto e rege a arte.

O sr. Mendes Leal serviu de governador civil em Vianna do Castello em 1847, merecendo ao governo de Lisboa approvação e louvor pelo seu procedimento em tão delicada conjunctura.

Alistado em um dos corpos organizados n'esse tempo, ás ordens do sr. conde do Casal, fez parte da campanha, tendo assistido dentro do castello de Vianna a outra parte durante o cerco.

Em 1848 recebeu a nomeação de secretario geral do conservatorio real da arte dramatica; e em 1850 foi promovido ao logar de bibliothecario-mór da bibliotheca publica de Lisboa. É membro de diversas academias e sociedades em Coimbra, nas ilhas, e no Brazil, começando pelo instituto historico.

Citamos estes factos como informação. Primeiro do que ninguem conhecemos que são indifferentes para a apreciação critica de qualquer poeta.

L. A. REBELLO DA SILVA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO VI.

O Porto ao domingo. — A devoção. — Profissão de fé do auctor. — Mulheres bonitas. — Olhos pretos das padceiras de Avintes, e olhos azues das padceiras de Vallongo. — Ora porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouxinocs! — Simia Janota Botiquinenses. — Os Punambulos. — S. Lazaro.

O Porto aos dias de semana é de uma barbara monotonia para quem não tem que fazer. Eu confesso que não sou dos que se enthusiasman por aquelle grande movimento commercial; interessa-me de cer-

to; como todo o bom portuguez, amo a prosperidade da minha patria, mas nunca senti a menor admiração ao ver carregar um carro com linho, ou atulhar um armazem com bacalhau. Por isso os meus dias eram inspidos como um *folhetim*, e mais aborrecidos do que um poeta moderno a fazer o seu elogio.

No theatro de Santa Catharina annunciou-se um espectáculo a *beneficio*; graças a Deus! Corri a comprar um bilhete, mas a representação transferiu-se. Entremos no Guichard até ás sete horas da tarde. Depois vamos fazer uma visita. Nem divertimentos publicos, nem particulares! Que gente tão bem morigerada! Lembraram-me os tempos de Sparta e Lacedemonia, mas os tempos de hoje differem muito, e suspirei pelo gremio litterario, apesar de nunca lá ir; lembrou-me o centro commercial, o club, as trinta phylarmonicas de Lisboa, S. Carlos, a loja da neve; e tive saudades sinceras do repucho do passeio publico e do neptuno do Loreto! Oh! Lisboa! minha querida Lisboa! E ha barbaros que te abandonam! Deixa-os ir, deixa-os cevar a sua curiosidade nas miserias dos outros paizes, que lá está o caes da alfandega para os receber, quando arrependidos e contrictos voltarem ao teu seio. Quando desembarquei no caes das columnas, dous mezes depois da minha partida, e encarei com o vulto severo do Marquez de Pombal, que parecia lançar-me em rosto uma garrafa de precioso vinho de encomenda, que eu trazia escondida, confesso que tive tentações de a beber, e beijar o chão do Terreiro do Paço! Oh! quanto me arrependo de o não ter feito. Então abjurava todos os meus erros com aquelle sanguento holocausto e não me tinha aventurado mais a viajar, como já me succedeu, por essas perigosas fragas do Alemtejo. Mas nós estamos no Porto, e eu acabo de commetter um attentado, infringindo as regras da arte, que prescrevem a unidade de tempo, de logar, e d'acção. Já me não salvo da censura-libello de algum juiz de paz da litteratura, mas se assim succeder, peço humildemente perdão ao critico, ou criticos, e prosigo a minha historia.

Sete horas a soar, e eu que entrava em uma casa das principaes do Porto, apresentado pelo meu amigo M. Tudo quanto a fortuna e o bom gosto podem reunir, ali estava n'aquelle salão. Todos os objectos eram d'uma riqueza elegante, e sem ostentação; não era necessario ser grande entendedor para tomar o dono da casa, logo á primeira vista, por um grande amator de bellas artes. Por toda a parte se viam livros, pequenas estatuas, gravuras magnificas, algumas copias a oleo, entre as quaes uma da *ceia*, de Leonardo da Vinci, e outra a *descida da cruz*, de Daniel de Volterra. Varios retratos de familia, paisagens, flores, tudo enfim respirava gosto, arte, e o verdadeiro sentimento do bello.

Uma das mais preciosas qualidades dos habitantes do Porto é a franqueza. Nesta casa fui recebido pelos donos d'ella, como se fosse um parente que não viam ha muito tempo. Trataram-me com tanta delicadeza e bondade, que sempre me lembrarei do acolhimento lisongeiro que me fizeram, quando eu me julgava n'um paiz de barbaros. A fina educação d'aquella familia e a variada instrucção do seu chefe me fizeram passar algumas noites bem agradaveis! E força porém confessar, como narrador fiel, que me custou muito a sujeitar ao costume extravagante da terra. Na noite da minha apresentação, apenas o ponteiro do relógio marcou dez horas, duas lindas meninas começaram a manifestar o somno pelo modo mais significativo do mundo. Aos primeiros abrimentos de bôca, o meu amigo, que é um mo-

ço intelligente, comprehendeu o melindroso da nossa situação, e despedimo-nos.

Da rua de Cedofeita até á Praça nova não encontramos ninguém; parecia que atravessavamos uma cidade abandonada.

Entramos no café. Estavam tres pessoas... creio que eram estrangeiros. Assim que acabamos de tomar chá, puzeram-nos fora a todos, para fechar a porta... oh! Lisboa!... Que remedio! Vamos deitar-nos, e dormir, que no fim de contas é uma grande resolução que tomamos.

O dia seguinte amanheceu brilhante, como sempre são em Portugal os dias de agosto. O Porto é sincera e lealmente religioso. Entrei em alguns templos, todos estavam cheios de povo e rezava-se com grande devoção. Oh que bella e sublime que é a devoção! Em todos os pontos do orbe christão penetrae nas igrejas, durante as cerimoniaes augustas do nosso culto, e vêde-me como se reverbera n'esses rostos femininos, piedosos e contrictos, a humildade do coração! Vêde como esses olhos, postos quasi sempre no livro de orações, se voltam, por momentos sómente, a contemplar as miserias da terra. Fatigam-se das riquezas esplendidas do céu, que vem descriptas nas paginas bentas do livro; mas olhae quanta religião existe na expressão d'esse olhar furtivo, que procura e encontra outro ardente de penitencia, e brilhante de celestial esperanza! Como elles se confessam entre si, aquelles olhos, e se entendem!... Oh! *mamans* do universo, eu

De vós não conhecido, nem sonhado,

Aconselho-vos a que não deixeis nunca de mandar as meninas á missa. A alma purifica-se e robustece na assiduidade do culto, e ganha forças para resistir ás tentações do peccado! A Igreja é a fonte de todo o bem; ella nos abençôa quando entramos na vida, e nos absolve os nossos erros, quando saímos do mundo. Mas o que ella tem de mais interessante para vós, oh! minhas jovens e amaveis leitoras, é ser a porta por onde muitas vezes penetra a realidade dos vossos sonhos... Isto é mais enigmatico do que uma figura do Apocalypse, mas apostava agora toda a gloria que me ha de provir d'esta famosa narração, em como as amaveis leitoras me perceberam!

Mas percebessem ou não, já disse, e repito que a devoção é sublime. Eu vi os elegantes beatificamente ajoelhados, e lembrou-me o devoto e piedoso modo, por que Fernão Mendes Pinto e Antonio de Faria atiraram ao mar com um homem vivo, atado de pés e de mãos! Porque me veio á memoria semelhante destempero, não o disse nunca, porque ainda hoje o não sei; mas era um espectáculo muito para ver e admirar, como as lanetas impias faziam partilhar ao nariz onde cavalgavam o peccado mortal que tentava os olhos! Como passeavam atrevidamente aquellas vistas mundanas sobre o oceano de cabeças femininas que tinham diante! E ellas, as devotas, olhavam tambem para elles; olhavam sim, mas era para os lastimar; para se condoerem de os ver tão endurecidos na impiedade, por que nós, os homens, somos todos impios. Olhavam ellas, e batiam rijamente no peito, pedindo a Deus que perdoadesse aquelles corações impedernidos, aquelles peccadores inconfictos, o crime que ellas mais adoravam, a contemplação em que elles estavam, não para Deus, mas para a mais perfeita, para a mais bella, a mais adoravel das suas obras, a mulher.

Sahi tão compungido, tão christão d'aquelle templo onde tinha entrado e onde vi tão radiantes o amor de Deus e o amor do proximo, que me senti deveras compenetrado por um sentimento religioso. Ali fiz um voto, a que sempre tenho sido fiel, a que

jámais deixarei de o ser; por que no meu coração, na minha alma, e em todo o meu ser, estão as tendências irresistíveis para *essa* divindade a que me votei, e que até então seguia pelo instincto, pela relação sympathica que havia d'ella para mim.

É uma *profissão de fé*, que vou fazer, uma confissão publica, que escrevo sem receio do futuro, sem vergonha do passado, porque vivi, vivo, e espero que Deus me conserve sempre no gremio d'estes princípios justos e santos, que se alimentam desde a criação do mundo com o *bello* e o *sublime* da natureza.

Jurei, no fundo da minha alma, de amar até ao derradeiro instante da vida *todas as cousas* que forem verdadeiramente *bellas*. É um juramento que tenho por tão sagrado, como se fosse feito a Deus, porque a belleza é um attributo inseparavel das maravilhas divinas. A minha religião é pois a religião *do bello*, cujos symbolos admiraveis (exceptuam-se as mulheres feias), estão por todas as superficies dos mundos. Uma estrella é um symbolo, como é symbolo a flor; symbolos a abobada celeste, a lua, o sol, o mar, e a terra. O *mytho* d'esta religião é o *sublime*. Acima do sublime está Deus, porque Deus é superior a tudo. D'elle dimana, por tanto, a religião *do bello*. As mulheres, e os anjos são symbolos diversos: por que estão uns no céu e outros na terra. Não sei bem quaes são os superiores, mas adoro as mulheres, na minha religião, mais do que os anjos. Não sei tambem até onde pode levar o fanatismo: sou apóstolo da belleza, e a minha ambição é poder illustrar o meu apostolado pelo martyrio. Apesar de ter meditado bem nos dogmas e principios d'esta religião, de me nascer a fé espontaneamente, por convicção e acôrdo dos sentidos todos, a minha adoração é exaltada pela sublimidade dos symbolos.

Comigo nasceu, comigo hade morrer o grande horror que tenho ao feio. Se ha mais tempo não declararei as minhas idéas religiosas, não é por que fossem ellas indeterminadas, não; a minha irresolução provinha do receio de offender a religião que fôra de meus passados, substituindo-lhe um culto que julgava profano. Das lições da experiencia e dos annos colhi a solução do problema. A belleza vem de Deus, logo amo a Deus, amando tudo que é bello.

E aonde fui eu aprender esta verdade dogmatica? Aonde a sabedoria divina a collocou, muito de proposito. Nos olhos pretos de uma padeira de Avintes, e nos olhos azues de outra padeira de Vallongo.

Logo nos olhos das padeiras! estou d'aqui ouvindo dizer a algum dos bellos symbolos da minha religião. Porque não haviam de ser duas senhoras, e *elegantis*? Perdão, porque eram duas padeiras. Lá estavam na mesma igreja physionomias aristocraticas, e olhos formosissimos, porém que me fizessem esquecer tudo para me tornar ali mesmo sectario apaixonado da belleza, esse poder só o tiveram dous bellos pares de olhos de duas lindas padeiras. Mas que olhos!... Jurei, que d'ali em diante havia de adorar todos os bonitos olhos, todos quantos formosos rostos pudesse encontrar na minha vida; e tomo a Deus por testemunha, de què não faltei, e não espero faltar a esse juramento, para o cumprimento do qual me impellem todas as minhas faculdades! Belleza! belleza! tenho-te invocado sempre nas minhas horas de angustia, e por ti, e para ti vivo, mais do que para mim proprio. Se alguma vez eu amar uma cousa feia, se commetter o sacrilegio de não ajoelhar a teus altares, permitta o anjo da vingança, que eu morra de nojo diante de um rato branco, e de um sapo negro, que são as peiores cousas que conheço depois de uma mulher feia.

Aqui vinha maravilhosamente a proposito uma

larga dissertação philosophica a respeito do *bello*, *d'après* Victor Cousin; mas eu antipathiso com a pedantice que affecta erudição, e não quero imitar muita gente que anda *apanhando* idéas dos outros, para depois as dar como suas.

Duas formosas padeiras eram aquellas duas mulheres que vi no Porto! A de Avintes principalmente. Tremo de fazer a descripção com receio de que me chamem exagerado; mas a verdade é que nunca vi olhos mais negros n'um rosto mais branco e delicado! Já me não admira que os pastores da Arcadia tivessem a pachorra de fazer grosas de sonetos ás Marilias e Anardas. Se eu fosse poeta ía direito ás margens do Douro, apaixonava-me por aquelles negros olhos, e passava o resto de meus dias n'uma lamuria de colchêas. Os olhos azues da outra eram tambem admiravelmente bellos, e de um cristalino purissimo! O rosto porém era trigueiro, e menos *artístico* do que o da primeira. Comtudo, valia bem um volume das rimas de João Xavier de Mattos.

Ambas ellas eram tentadoras, adoraveis mesmo com os seus tamanquinhos pequeninos, e as meias de linha fina e alvissima cobrindo os contornos de uma perna, trabalhada admiravelmente pela natureza! A trigueira ganhava em formas o que perdia em physionomia; quanto á belleza dos olhos, levei muito tempo a scismar por qual me decidiria, e no fim optei por ambas. Era o que tinha a fazer de melhor. Mas se me obrigassem positivamente a decidir-me por um dos lados, confesso o meu peccado, ía para os olhos pretos. O auctor das *Viagens na minha terra* tambem se confessou pelos olhos pretos... a proposito d'elle e das suas *viagens*; porque não haviam de ser pretos os olhos verdes da menina dos rouxinoes? Nos olhos verdes ha não sei que predestinação para a fatalidade, que a gente não pode ver com prazer n'aquelles que ama. O verde é uma côr bonita, mas tão pouco duradoura, que ás vezes basta para desbotar-a uma pouca de sombra, um golpe de ar, ou um raio de luz. E por isso que eu sempre me temi dos olhos verdes, e logo disse comigo, lendo as *Viagens* do sr. Garrett, que a historia da Joanninha havia de acabar como acabou. E mais aquelle verde dos olhos da Joanninha era do mais vivo que ha! Mas quem se lembra de fazer olhos verdes a uma creança tão formosa! Caprichos de poeta! No meio de tanta harmonia, depois da combinação admiravel *do todo*, onde não diziam bem senão um olhos pretos, o artista, só porque era um grande mestre, creou os olhos verdes! E para que! Para imitar a natureza que produz d'esses phenomenos muitas vezes por um simples accidente de luz! Contemplar a gente um a um os encantos d'aquella figura toda proporcionada; ver tudo em perfeita harmonia de côr, de forma e de tom com a fina gentileza d'essas feições, para achar depois nos olhos aquella discordancia, a falta do rythmo que presidiu até ali, que ali se perdeu para gloria do artista; porque os entendedores chamam *o bello da arte* aquella nota discordante! Pobre da Joanninha! Feliz do romancista, se não tem remorsos de a haver deixado morrer, porque foi elle o culpado, porque *lhe deu* os olhos verdes. Era predestinação? Foi a fatalidade da côr!...

(Continúa.)

F. GOMES D'AMORIM.

— O máu filho não espere ter bons filhos: seu exemplo sanciona a lei de Talião que o ha de punir.

M. CARVALHO — APHORISMOS.